

GT45: Gênero, sexualidade e subjetividade em contextos transnacionais

Vinícius Zanoli, Guilherme Passamani

Este simpósio discutirá gênero, sexualidade e interseccionalidade nos fluxos transnacionais. Compreendendo fluxos globais de modo amplo, nos referimos à circulação de pessoas, objetos, ideias, símbolos e capital. No primeiro eixo, Política, Gênero, Sexualidade e Globalização, a proposta é debater temas como política, gênero, sexualidade e globalização, principalmente aqueles de enfoque interseccional. A proposta é debater sobre ativismos nas suas diversas facetas e relações com gênero e sexualidade, tanto em esfera nacional quanto transnacional, particularmente, pesquisas com enfoque em como distintos eixos de diferenciação se relacionam na constituição de sujeitos políticos, bem como análises sobre a constituição de redes locais, nacionais e transnacionais de advocacy, trajetórias ativistas e relações entre distintas formas de ativismo. No segundo eixo, Mobilidade, Desejo, Gênero e Sexualidade, a proposta é debater temas como desejo, erotismo, migrações e mobilidades, especialmente a dimensão transnacional desses processos em intersecção com gênero e sexualidade. É de particular interesse pesquisas com enfoque nos mercados transnacionais do sexo, nas economias sexuais transnacionais e na indústria sexual daí advinda. Nos interessa pensar as redes que se estabelecem, nesse campo, a partir das questões que atravessam os processos de subjetivação, interseccionando gênero, sexualidade, afetos e trocas econômicas em contextos transnacionais.

NEGOCIANDO A SEXUALIDADE NA TERCEIRA IDADE: estratégias tecnológicas e biotecnológicas

Autoria: Amanda Raquel da Silva

Essa pesquisa, que está em andamento, objetiva compreender diferentes dimensões da vivência da sexualidade na velhice. Se propõe a entender os efeitos das práticas discursivas sobre corpo, sexualidade e envelhecimento na vida de homens e mulheres de mais de 60 anos de idade, moradores de Natal e algumas cidades vizinhas. Além dos efeitos de diversos discursos (biomédicos, midiáticos, familiares, farmacêuticos etc.) a pesquisa se propõe a investigar etnograficamente como a sexualidade desses sujeitos está mediada pelo uso de mecanismos tecnológicos e biotecnológicos como smartphones, redes sociais e aplicativos de paquera; assim como pelo consumo de fármacos e outros procedimentos que auxiliam no desempenho sexual e indaga, ainda, pelas negociações para os usos desses mecanismos. Aqui, se privilegia uma perspectiva biográfica que permita, a partir da narração de cada uma das pessoas que participam na pesquisa, identificar o papel que desempenha a sexualidade na sua vida e os vínculos que ela tem com outros aspectos, com destaque para a classe, a raça e o gênero. Na vida cotidiana das pessoas enquadradas ou auto reconhecidas como idosas temos visto que frequentemente elas também enfrentam visões e discursos aparentemente contraditórios e que cada uma os recebe, significa e traduz com as ferramentas concretas que têm à mão. Vemos atualmente mais pessoas dispostas a aderir às práticas e valores de um "envelhecimento ativo". Ou seja, ao invés de se recolherem na solidão, isolamento, depressão, esses sujeitos parecem mais engajados em fazer dessa etapa mais avançada da vida um terreno de múltiplas e distintas possibilidades criativas. Contudo, isso não anula o peso dos estigmas que são associados à velhice, as dificuldades (especialmente das pessoas mais pobres) para se adequar aos padrões de sexualidade, beleza e a estética ou com as normas morais familiares, religiosas e de vizinhança que patologizam o desejo das pessoas mais velhas ou o tornam uma piada. Ainda, aparecem os desafios associados às negociações indiretas com a indústria farmacêutica que insiste na função erétil; com os parceiros sexuais para o uso do

preservativo ou de outras formas de proteção de IST"s, com as tecnologias que virtualizaram as paqueras, com os tempos dedicados ao cuidado de si e ao cuidado dos outros, com à cobrança de atividades sexuais para mulheres que querem se livrar dessa obrigatoriedade ou dos homens que tentam que não seja percebido ou nomeado o uso de Viagra, entre outros muitos exemplos de como se manifestam os paradigmas mencionados no dia a dia das pessoas.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

